

# 1

Brunetti sempre detestara jantares de cerimónia, e detestava participar naquele. O facto de conhecer algumas das pessoas que se encontravam sentadas àquela comprida mesa não tinha qualquer importância para ele, e a circunstância de se realizar em casa dos seus sogros, e, por conseguinte, num dos mais belos *palazzi* da cidade, em nada diminuía a sua irritação. Fora forçado a ir pela mulher e pela sogra, com o argumento de que a posição que ele ocupava na cidade daria mais brilho àquele serão.

Brunetti insistira que a sua «posição» de *commissario* da polícia dificilmente acrescentaria algum brilho a um jantar realizado para estrangeiros ricos. Mas a sogra, fazendo uso das táticas de *Border Collie* que ele já lhe conhecia havia um quarto de século, andara de roda dele a latir e a ganir, até que finalmente conseguira arrastá-lo para onde o queria. Então, sentindo a sua fraqueza, acrescentara: «Além disso, a Demetrianana quer ver-te, e far-me-ias um grande favor se conversasses com ela, Guido.»

Brunetti cedera, e assim se encontrou à mesa do jantar com a *Contessa* Demetrianana Lando-Continui, que estava sentada, com perfeito à-vontade, na extremidade de uma longa mesa que não lhe pertencia. Em frente dela, na extremidade oposta, encontrava-se a sua querida amiga, a *Contessa* Donatella Falier, a quem pedira a casa emprestada para realizar este jantar. O rebentamento de um cano na divisão que ficava por cima da sua sala de jantar, o qual conseguira deitar abaixo uma boa parte do teto desta, tornara a sala impraticável para os tempos mais próximos, por isso recorrera à ajuda da amiga. A *Contessa*

Falier, embora não estivesse ligada à fundação para a qual este jantar de beneficência se destinava, tinha prazer em obsequiar a amiga, e ali estavam ambas instaladas, as duas *contesse*, como se fossem dois cerra-livros, às cabeceiras da mesa a que estavam sentadas mais oito pessoas.

A *Contessa* Lando-Continui, uma mulher pequena, falava um inglês com ligeiro sotaque, numa voz que tinha de forçar para a fazer chegar a toda a mesa, mas parecia à vontade a falar em público. Esmerara-se com a aparência: o cabelo era uma touca de insípidos caracóis dourados, curtos, num estilo juvenil que parecia perfeitamente natural para uma pessoa tão pequena como ela. Usava um vestido verde-escuro de mangas compridas que chamava a atenção para as mãos, esguias e de dedos longos, sem sinal das manchas próprias da idade. Os olhos eram quase da mesma cor do vestido e combinavam com o tom de cabelo escolhido. Enquanto a observava, ele reforçou a sua convicção de que ela devia ter sido uma mulher muito atraente, meio século antes.

Voltando novamente a sua atenção para a conversa, Brunetti ouviu-a dizer: «Eu tive a sorte de crescer numa Veneza diferente, não neste cenário montado para os turistas, para que se recordem de uma cidade onde, num certo sentido, nunca estiveram.» Ele concordou com a cabeça e continuou a comer o *spaghetti* com amêijoas, pensando que estava muito idêntico ao de Paola, provavelmente porque a cozinheira que o fizera era a mesma mulher que ensinara Paola a cozinhar.

«É muito triste que a administração da cidade faça tudo o que pode para trazer cada vez mais turistas para cá. Ao mesmo tempo», começou a dizer a *Contessa*, e levantou os olhos, passando-os rapidamente pelos rostos que tinha à frente, «as famílias venezianas, sobretudo as mais jovens, são afastadas, porque não têm possibilidade de alugar ou de comprar uma casa.» A sua angústia era tão palpável que Brunetti olhou para o lado oposto da mesa, para Paola, sua mulher, e os olhares de ambos encontraram-se. Ela dirigiu-lhe um aceno de cabeça.

À esquerda da *Contessa* estava sentado um jovem inglês de cabelo muito claro, que fora apresentado como *Lord* Qualquer-Coisa. Ao lado dele encontrava-se uma famosa historiadora inglesa, cujo

livro, sobre a família Saboia, Brunetti lera e do qual gostara. O convite que a professora Moore recebera talvez se devesse ao facto de não ter feito referência, no seu livro, ao envolvimento da família do falecido marido da anfitriã, os Lando-Continui, com o regime de Mussolini. À esquerda da historiadora estava sentado outro inglês, que fora apresentado a Brunetti como sendo banqueiro, e, a seguir a ele, a mulher de Brunetti, em frente do marido e à direita da mãe.

Por conseguinte, Brunetti estava sentado ao lado da sogra e em frente da mulher. Ele suspeitava que esta disposição violava de algum modo as regras da etiqueta, mas o alívio que sentia por estar perto delas compensava a preocupação com a *politesse*. À sua esquerda encontrava-se a companheira do banqueiro, que se veio a saber que era professora de Direito em Oxford, a seguir a ela um homem que Brunetti via às vezes na rua, e por último um jornalista alemão que vivia na cidade havia anos, e que atingira um grau de cinismo tal que quase se tornara um italiano.

Brunetti olhava de uma *contessa* para a outra e surpreendia-se, como sempre lhe acontecia quando as via juntas, com os estranhos pares com que a vida nos presenteia. A *Contessa* Falier herdara a outra *Contessa* quando esta enviuvou. Embora já fossem amigas há muitos anos, o laço que as unia tornou-se mais forte com a morte do *Conte* Lando-Continui, e, de boas amigas que eram, passaram a ser grandes amigas, um facto que o levava a refletir sempre que se encontrava com a segunda *Contessa*, uma vez que a sobriedade da sua pessoa era tão diferente da da sua sogra. A *Contessa* Lando-Continui sempre fora delicada com ele, por vezes até amável, mas ele sempre se perguntara se estaria a ser tratado como um apêndice da esposa e da sogra. Será que a maior parte das esposas sente isso? Gostaria de saber.

«Repito», recomeçou a *Contessa* Lando-Continui, e Brunetti voltou a dedicar-lhe toda a atenção. Enquanto ela tomava fôlego, a fim de cumprir aquela promessa, foi interrompida por um aceno de mão do segundo homem à sua direita, aquele que Brunetti reconhecera vagamente. O homem de cabelo escuro, à volta dos quarenta, barba e bigode muito influenciados pelo estilo do último czar da Rússia, interveio em voz alta, naquela pausa determinada pelo seu gesto.

«Minha cara *Contessa*», disse, pondo-se lentamente em pé, «todos nós somos culpados de encorajar os turistas a vir, até a senhora.» A *Contessa* virou-se para ele, aparentemente perplexa com aquela rara associação das palavras «culpados» e «a senhora», e talvez enervada por aquela pessoa poder ter conhecimento de alguma circunstância em que elas pudessem ser legitimamente associadas. Pousou as mãos, com as palmas para baixo e começando a contrair-se, de ambos os lados do prato, como se se preparasse para puxar a toalha da mesa para o chão, caso a conversa se encaminhasse no sentido de estabelecer essa associação.

Um silêncio embaraçado caiu sobre a mesa. O homem sorriu na direção dela e preencheu o vazio criado pelo seu mutismo. Expressava-se em inglês, por deferência para com a maioria dos comensais, cujos rostos percorreu com um olhar rápido. «Pois como é do conhecimento de todos, a *largesse* da nossa anfitriã, no sentido de ajudar a restaurar muitos monumentos locais, tem preservado grande parte da beleza de Veneza e contribuído imensamente para que a cidade seja desejada como destino por aqueles que a amam e que apreciam as suas maravilhas.» Olhou em volta e sorriu para a assistência.

Uma vez que se encontrava muito perto dela e que tinha falado com clareza, a palavra *largesse* não podia ter passado despercebida à *contessa* e, ao ouvi-la, a sua expressão suavizou-se e o aperto mortal sobre a toalha afrouxou. Ergueu uma mão com a palma para a frente, na direção dele, como se quisesse impedir todo e qualquer louvor. Mas, pensou Brunetti, a voz da verdade não iria ser contrariada, pois o homem pegou no copo e ergueu-o no ar. Admitiu que ele tivesse memorizado o discurso, uma vez que lhe fluíra com tanta facilidade.

Depois, inclinando-se para a frente e vendo que o homem era volumoso de corpo, Brunetti recordou-se de lhe ter sido apresentado num encontro do Circolo Italo-Britannico, havia alguns anos. Isso podia explicar o seu à-vontade com a língua inglesa. Uma pequena fotografia do seu rosto barbado aparecera num artigo do *Gazzettino* semanas antes, informando que fora nomeado pela Comissão de Belas-Artes para chefiar um levantamento das placas de parede em mármore gravado existentes na cidade. Brunetti lera o

artigo pelo facto de haver cinco placas dessas por cima da porta do Palazzo Falier.

«Meus amigos e amigos de La Serenissima», prosseguiu o homem, com um sorriso que se ia tornando mais afetuoso, «gostaria de tomar a liberdade de fazer um brinde à nossa anfitriã, a *Contessa* Demetriania Lando-Continui, e gostaria de lhe agradecer pessoalmente, como veneziano, e profissionalmente, como alguém que trabalha para a preservação desta terra, por aquilo que ela tem feito para proteger o futuro da minha cidade.» Olhou para a *Contessa*, sorriu e acrescentou: «Nossa cidade.» Depois, erguendo a mão livre para abarcar os outros e precaver qualquer impressão de ter excluído os que não eram de Veneza, alargou o sorriso. «Vossa cidade. Porque guardaram Veneza nos vossos corações e nos vossos sonhos, e assim se tornaram, tal como nós, *veneziani*.» Esta última frase foi seguida de aplausos, que se prolongaram tanto que ele por fim teve de pousar o copo para levantar as duas mãos, a fim de conter o fervor daquela reação.

Brunetti desejou estar sentado ao lado de Paola, pois gostaria de lhe perguntar se corriam o risco de serem enfeitçados; um rápido relance na direção da mulher mostrou-lhe que ela tinha a mesma preocupação.

Quando o silêncio regressou, o homem prosseguiu, dirigindo-se agora diretamente à *Contessa*: «Queira por favor ter em conta que nós, membros da Salva Serenissima, nos sentimos profundamente gratos por a senhora liderar os nossos esforços, no sentido de constatar que o tecido vivo desta cidade que amamos pode continuar a ser parte integrante e inspiradora das nossas vidas e das nossas esperanças.» Ergueu novamente o copo, mas desta vez para desenhar um círculo de louvor a abranger todos os presentes.

O banqueiro e a companheira puseram-se em pé, como se uma representação particularmente emotiva tivesse chegado ao fim, mas quando viram que os restantes convivas continuavam sentados, o banqueiro alisou um vinco no joelho das calças e sentou-se, enquanto ela ajeitava a saia debaixo de si com cuidado, como se fosse para isso que se levantara.

Salva Serenissima, pensou Brunetti, percebendo qual era a ligação que o homem tinha com a *Contessa*. Mas antes que pudesse